

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



MOVIMENTO DO VERBO EM KRIOL

CANDINHA PINTO MARIA

Dissertação de Mestrado em Linguística

Lisboa

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



MOVIMENTO DO VERBO EM KRIOL

CANDINHA PINTO MARIA

Orientação: Professor Doutor Tjerk Hagemeijer

Dissertação de Mestrado em Linguística

Lisboa

2013

Índice

Agradecimentos.....	III
Abreviaturas.....	IV
Resumo	VI
Abstract.....	VII
1. Introdução.....	1
2. A estrutura frásica do kriol	4
2.1. Introdução.....	4
2.2. O verbo e os seus complementos	4
2.3. Tempo, modo e aspeto	6
2.4. Negação frásica	9
2.5. Síntese	9
3. Movimento do verbo	11
3.1 Pollock (1989).....	11
3.2 O movimento do verbo em línguas crioulas.....	13
3.3. O movimento do verbo em kabuverdianu	15
3.3.1. Baptista (2002)	16
3.3.2. Pratas (2007)	18
3.3.3. Alexandre (2009).....	21
3.4. Síntese	24
4. Movimento do verbo no kriol.....	26
4.1. Introdução.....	26
4.2. Distribuição de advérbios.....	26
4.2.1. Descrição dos dados	26
4.2.2. Discussão.....	29
4.3. Flutuação de quantificador	30

4.3.1. Descrição dos dados	30
4.3.2. Propostas de análise	34
4.3.3. Análise dos quantificadores no kriol.....	37
4.4. O morfema <i>ba</i>	38
4.4.1. Descrição dos dados	38
4.4.2. Discussão.....	41
4.5. Análise.....	41
5. Conclusão	45
Bibliografia.....	47

Agradecimentos

Este trabalho, cujas imperfeições são da minha total responsabilidade, beneficiou de apoio de pessoas que me acompanharam, em diferentes momentos e de diferentes formas, e a quem manifesto a minha gratidão.

Aos professores de linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que contribuíram para a minha formação em linguística.

Um agradecimento muito especial ao meu orientador, Tjerk Hagemeijer, pela disponibilidade que cedo manifestou para a orientação deste trabalho, pelas muitas ideias, pelas valiosas indicações bibliográficas e comentários críticos sempre pertinentes e pela confiança que depositou em mim. Agradeço-lhe ainda o enorme apoio científico que me deu.

Aos colegas e amigos que sempre me apoiaram com palavras de encorajamento.

À Rita Gonçalves pela disponibilidade e compreensão demonstrada na leitura e revisão deste trabalho.

À minha família que, de diferentes formas, esteve presente em cada minuto deste trabalho.

Abreviaturas

Adv(P)	Sintagma adjetival
Agr(P)	Sintagma de concordância
ANT	Anterior
Asp(P)	Sintagma aspetual
C(P)	Sintagma complementador
CDO	Construção de duplo objeto
Cl(P)	Sintagma clítico
D(P)	Sintagma determinante
DEM	Demonstrativo
ENF	Enfático
FUT	Futuro
HAB	Habitual
I(P)	Sintagma flexional
IPFV	Imperfectivo
Neg(P)	Sintagma negativo
NP	Sintagma nominal
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
PE	Português europeu
PFV	Perfectivo
PGCG	Proposta da grafia do crioulo guineense
PL	Plural
POSS	Possessivo
PP	Sintagma preposicional
PROG	Progressivo
PRON	Pronome
PROX	Próximo
PST	Passado
PUECG	Proposta de unificação da escrita de crioulo
Q(P)	Sintagma quantificador
SBJ	Sujeito

SG/sg	Singular
Spec	Especificador
SVO	Sujeito, verbo, objeto
T(P)	Sintagma tempo
TMA	Tempo, modo e aspeto
VP	Sintagma Verbal

Resumo

Esta tese estuda o movimento do verbo em kriol, o crioulo de base lexical portuguesa da Guiné-Bissau. Geralmente, assume-se que línguas crioulas não apresentam movimento do verbo (e.g. Roberts 1999), o que não é tão surpreendente se considerarmos que estas línguas tipicamente não apresentam morfologia flexional e possuem as chamadas partículas pré-verbais que bloqueiam o movimento de V para T. Este tópico ainda não foi abordado em trabalhos existentes sobre o kriol, mas tem sido estudado para uma língua próxima, o kabuverdianu, para a qual Baptista (2002) propõe uma análise de movimento do verbo, que se apoia em evidência de testes de colocação de advérbios, flutuação de quantificadores e do sufixo verbal *-ba*. No entanto, outros autores defendem que estes argumentos não são sólidos e propõem análises alternativas, nomeadamente o abaixamento do sufixo *-ba* Pratas (2007) e uma relação de concordância entre T e o sufixo Alexandre (2009).

Mostraremos que os testes diagnósticos tradicionais para determinar se há movimento do verbo, como por exemplo os usados para o estudo do kabuverdianu, produzem resultados substancialmente diferentes para o kriol, indicando que esta língua apresenta movimento do verbo. Propomos, mais concretamente, que há movimento curto do verbo para uma projeção encabeçada por *ba* a que o verbo se adjunge. Embora *ba* seja frequentemente considerado um morfema livre (e.g. Kihm 1994), existe uma diferença semântica clara entre o *ba* temporal, que ocorre adjacente ao verbo, e um *ba* adverbial. Se esta análise tiver viabilidade, ela mostra-nos que línguas crioulas, mesmo que sejam próximas, podem apresentar valores de parâmetro distintos.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; kriol; línguas crioulas; sintaxe; movimento do verbo.

Abstract

This thesis focuses on verb movement in Kriol, the Portuguese-related creole language of Guinea-Bissau. It is generally thought that creole languages lack verb movement (e.g. Roberts 1999), which is not truly surprising if we consider that creole languages typically lack inflectional morphology and exhibit so-called preverbal particles which block standard V-to-T raising. While the issue of verb movement has not been raised previously for Kriol, it has received considerable attention in Kabuverdianu, which is closely related to Kriol. Baptista (2002) proposes a verb movement analysis for Kabuverdianu based mainly on evidence from adverb placement, quantifier floating, and verbal suffix *-ba*. Other authors, however, argue that the evidence for verb movement is not solid and propose alternative analyses, such as lowering of the *-ba* suffix Pratas (2007) and a relation of long-distance agree between T and the suffix Alexandre (2009).

It will be shown that the standard tests to diagnose verb movement, such as those applied to Kabuverdianu, yield substantially different results for Kriol, endowing a verb movement analysis. It will be argued that short movement takes place to a projection headed by *ba*, where the verb adjoins to. Although *ba* in kriol is often considered a free morpheme (e.g. Kihm 1994), there is a clear semantic difference between a temporal *ba*, which occurs adjacent to the verb, and an adverbial *ba*. If this preliminary analysis is on the right track, it shows that creole languages, even ones that are closely related, may exhibit different parameter settings.

Key words: Guinea-Bissau; Kriol; creole languages; syntax; verb movement.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar o movimento do verbo no crioulo da Guiné-Bissau, doravante kriol. O kriol é um crioulo de base lexical portuguesa relativamente pouco estudado, falado por uma grande parte da população da Guiné-Bissau. Segundo o recenseamento da população feito em 1979 (o único publicado até agora depois da independência) essa língua é falada por 44,3% da população (Scantamburlo 1999: 58). O kriol constitui, portanto, uma língua segunda para uma parte significativa da população guineense. É através dele que os diferentes grupos étnicos que compõem a população guineense comunicam, o que contribuiu para que fosse oficialmente reconhecido como língua nacional.

Os crioulos de base lexical portuguesa em África podem ser agrupados em dois grupos, os crioulos da Alta Guiné e os crioulos do Golfo da Guiné, que constituem duas famílias linguísticas independentes cuja formação remonta aos séculos XV e XVI, num contexto de escravatura, tendo resultado do contacto entre o Português e diferentes línguas africanas de diversas famílias do níger-congo (Hagemeijer & Alexandre 2012). Segundo a maioria dos autores, os crioulos da Alta Guiné constituem uma unidade genética que inclui o kabuverdianu, o kriol, o crioulo de Casamansa, e possivelmente o papiamentu (Carreira 1982; Rougé 1986; Kihm 1994; Martinus 1996; Quint 2000; Baptista, Mello & Suzuki 2007; Jacobs 2009), que se terão formado do contacto entre o Português, que contribuiu com mais de 90% do léxico, e diversas línguas do níger-congo, particularmente línguas do grupo Mande (como o mandinka, bambara, solinke, etc.) e Atlântico (como o wolof, temne, fula, etc.). Por esta razão, não é surpreendente que entre estes crioulos haja um certo grau de inteligibilidade mútua, já que se estima que também “80% das palavras de origem africana do crioulo de Santiago existem também na Guiné” (Rougé 1999: 56).

Durante séculos, o território guineense foi um ponto essencial para o comércio de escravos. As migrações internas e a geografia do país contribuíram para o plurilinguismo que o país apresenta atualmente, com cerca de vinte línguas diferentes que se encontram distribuídas por etnias, algumas em risco de extinção. O contato com estas línguas africanas faz com que o kriol tenha mais traços africanos do que kabuverdianu.

A variação no kriol explica-se em parte pelas diferentes gramáticas maternas com que a língua convive. Por exemplo, uma frase considerada gramatical para um

falante nativo do balanta ou mancanha, é agramatical para um falante nativo do kriol. O exemplo a seguir, retirado de Intumbo (2007: 11) ilustra essa variação. Os dados utilizados nesta tese são relativos à variedade nativa do kriol de Bissau.

- (1) *nge a ten a kit a k-tan?* (Balanta)
*Anta bu tene nan udju na trás?** (Crioulo dos balantas)
Anta bu tene (nan) udju trás? (Crioulo nativo)
 então 2SG ter ENF olhos na atrás
 ‘Então tens olhos na nuca?’

De seguida, passarei a referir algumas propostas para a escrita do kriol:

- (i) *Proposta de Uniformização da Escrita do Crioulo* (PUECG). Esta proposta foi lançada em 1981 pelo Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau, por ocasião de uma conferência sobre as línguas da Guiné-Bissau. Trata-se de uma convenção de escrita baseada na correspondência unívoca entre grafema e fonema, ou seja, cada grafema corresponde apenas um valor. Embora se reconheça a importância da PUECG para a escrita do kriol, esta proposta não considera alguns fonemas. Por exemplo, os fonemas que correspondem às letras ‘x’ (*fixa* ‘fixar’) e ‘j’ (*beju* ‘beijo’) ficaram de fora por se ter entendido serem importações recentes do português (Scantamburlo 1999: 129). Segundo esse autor, a palavra *beju* ‘beijo’ é um dos exemplos, apesar de ser pouco frequente, dos casos em que o kriol mantém a realização fonética da palavra derivada do português para evitar casos de homonímias no próprio léxico. Já existia, por exemplo a palavra *bedju* ‘velho’.
- (ii) A proposta de Doneux & Rougé (1988:3-7): foi elaborada a partir da *Proposta de Uniformização da Escrita do Crioulo*. A vantagem desta proposta relativamente ao PUECG é o facto de não se basear apenas na correspondência unívoca entre um grafema e um fonema, mas incluir também dígrafos, nomeadamente para a representação das sequências consonânticas pré-nasais.
- (iii) A mais recente proposta de alfabeto para o crioulo guineense, denominada *Proposta de Grafia do Crioulo Guineense* (PGCG), foi apresentada por Scantamburlo (1999). Trata-se de uma versão revista do PUECG. Nessa proposta, Scantamburlo acrescenta alguns fonemas que, em 1981, não foram

incluídos no sistema alfabético do crioulo. Como já vimos, alguns fonemas ficaram de fora da PUECG por serem considerados empréstimos do português.

Nesta tese adota-se a proposta de Scantamburlo, por ser a mais abrangente e consistente. Faremos alguns ajustes sempre que necessário.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. No segundo capítulo, que se segue a esta introdução, apresentaremos, de forma concisa, a estrutura frásica do kriol. O terceiro capítulo analisa a questão do movimento do em crioulos em geral e no kabuverdianu, em particular. No quarto capítulo, procederemos ao estudo detalhado do movimento do verbo em kriol, com base em vários testes diagnósticos, nomeadamente a distribuição dos advérbios, a flutuação do quantificador *tudu* e a distribuição do morfema *ba* seguido de uma proposta de análise de dados. No capítulo 5, apresentarei as conclusões e, por fim, a bibliografia.

2. A estrutura frásica do kriol

2.1. Introdução

Este capítulo apresenta, de forma resumida, a estrutura frásica do kriol. Os trabalhos mais importantes sobre a sintaxe desta língua são os de Bocandé (1849), Peck (1988), Barros (1900/1901), Wilson (1962); Kihm (1994), Couto (1994) e Intumbo (2007), embora este último seja um estudo comparativo da morfossintaxe do kriol, do balanta e do português. Dos trabalhos mencionados, Kihm (1994) é o mais completo no que se refere ao estudo da sintaxe do kriol. No ponto a seguir, procederemos à descrição da estrutura frásica do kriol.

2.2. O verbo e os seus complementos

Contrariamente ao português, a língua de superstrato, o kriol é uma língua SVO que não apresenta morfologia flexional. A informação de pessoa e número manifesta-se na realização obrigatória do sujeito da frase e a informação de tempo, modo e aspeto (TMA) manifesta-se através de núcleos pré-verbais lexicalizados e através de um morfema de tempo em posição pós-verbal (e.g. Bocandé 1849, Barros 1897, Wilson 1962, Kihm 1994).

O verbo seleciona sintagmas nominais (NP), sintagmas preposicionais (PP), sintagmas adverbiais (ADVP), sintagmas complementadores (CPs) e ainda frases (TP). Os NPs complementos podem ser lexicais (2a) ou pronominais, como o clítico em (2b). Os exemplos que se seguem ilustram os diferentes tipos de complementos do verbo.

NP

- (2) a. *Maria kumpra livru.*
Maria comprar livro.'
'A Maria comprou o livro.'
- b. *Maria kumpra - l.*
Maria comprar-3SG.'
'A Maria comprou-o.'

PP

- (3) *Djon bai pa kasa.*
João ir para casa.
'O João foi para casa.'

AdvP

- (4) *Djon papia diritu.*
João falar direito
'O João falou bem.'

CP

- (5) *I fala kuma i ka na kume.*
3SG dizer CP 3SG não FUT comer
'Ele disse que não vai comer.'

TP

- (6) *Djon misti papia ku bo*
Djon querer falar com tu
'O João quer falar contigo.'

Alguns verbos do kriol selecionam uma sequência de dois objetos sem a presença de preposições, as construções denominadas na literatura de duplo objeto. A construção de duplo objeto (CDO) só é gramatical com a ordem OI OD, como nos seguintes exemplos:

- (7) a. *Djon da Maria livru.*
João dar Maria livro
'O João deu o livro à Maria.'
- b. *Djon manda Maria karta.*
João enviar Maria carta.'
'O João enviou carta à Maria.'

Como afirma Baptista (2002), em kabuverdianu, independentemente da categoria gramatical dos objetos – nomes próprios, NPs plenos ou pronominais – e das propriedades temáticas do predicado – atribuição de um papel temático Tema, Paciente

ou outro ao OD; de Recetor, Alvo ou outro ao OI –, a CDO apresenta sempre a ordem V-Alvo-Tema. Isto aplica-se a frases com objetos plenos e objetos pronominalizados. Estas observações são extensivas ao kriol. A ordem V – Alvo – Tema é obrigatória quando o OI é um pronome pessoal:

- (8) *Djon da-l pon.*
 João dar-3SG pão
 ‘O João deu-lhe o pão’

A ordem V – Alvo – Tema é obrigatória quando o OD é um pronome pessoal:

- (9) *Djon da Maria el.*
 João dar Maria 3SG
 ‘O João deu-o à Maria’

A CDO também é possível com os pronomes a ocuparem as duas posições de objetos (OD e OI), respeitando a mesma ordem V-alvo-Tema, como nos exemplos seguintes:

- (10) a. *Djon da-l el.*
 Djon dar-3SG 3SG
 ‘O João deu-lho.’
- b. *Si pape ki da-l el.*
 seu pai que dar-3SG 3SG
 ‘O seu pai é que lho deu.’

2.3. Tempo, modo e aspeto

O TMA, como já foi referido na introdução desta secção, é marcado por alguns morfemas livres que podem ocorrer com o verbo, nomeadamente os morfemas *na*, *ta*, *ba* e, por vezes, o *dja* que se combina com *ba* para marcar o tempo mais anterior. Esses morfemas podem ocorrer antes ou depois do verbo, como podemos ver nos pontos a

seguir. Há também contextos em que não há marcas explícitas.¹ A descrição e análise do morfema *ba* serão feitas no capítulo 4.

No exemplo (11), o verbo ocorre sem partículas de TMA. Aqui o morfema zero marca o tempo verbal que é perfectivo.

(11) *I tarbadja na armazen di povu.*

3SG trabalhar na armazém de povo.

Ele/a trabalhou no armazém do povo.

O morfema *ta* ocupa a posição pré-verbal e pode indicar, segundo Kihm (1994), o aspeto habitual e ainda um futuro menos iminente ou prospetivo.

(12) *I ta kanta.*

3SG HAB cantar

‘Ele/a costuma cantar.’ (ou ‘Ele/a canta’)

Quando combinado com os morfemas *ba* e *ba dja*, o morfema *ta* pode indicar o aspeto habitual anterior (13a) e mais anterior (13b), respetivamente.

(13) a. *N'ta kanta ba.*

1SG-HAB cantar ANT

‘Eu costumava cantar.’ (eu cantava)

b. *N'ta kanta ba dja.*

1SG-HAB cantar ANT já

‘Eu já cantava.’

O morfema *na* também ocorre em posição pré-verbal e pode indica o aspeto progressivo ou um futuro iminente (cf. Kihm 1994).

¹ Como refere Peck (1988), o verbo sozinho, sem pronomes, pode, por exemplo, marcar o modo imperativo.

(14) a. *No na badja.*
 1PL FUT dançar
 ‘Estamos a dançar.’

b. *Maria na bai kasa*
 Maria PROG ir casa
 ‘A Maria irá a casa.’

Tal como o morfema *ta*, o morfema *na* também pode ocorrer com o *ba/ba dja*, nestes casos para marcar o aspeto progressivo anterior (15a) e mais anterior (15b), respetivamente.

(15) a. *No na badja ba.*
 1PLPROG dançar ANT
 ‘(Nós) estávamos a dançar.’

b. *No na badja ba dja.*
 1PLPROG dançar ANT já
 ‘(Nós) já estávamos a dançar.’

É importante salientar que os morfemas pré-verbais de TMA (*na* e *ta*) apresentam comportamento de morfemas presos ao verbo, não podendo ser interrompidos por material lexical.

(16) a. **E ta kuas kanta.*
 3SG HAB quase cantar

b. **No na inda kume.*
 1PL PROG ainda comer

2.4. Negação frásica

À semelhança do kabuverdianu, o morfema usado para expressar a negação frásica em kriol é o *ka*. Segundo Kihm (1994:46), esta partícula resulta, provavelmente, da convergência entre o português *nunca* e partículas de negação em línguas de substrato. O marcador de negação *ka* ocorre em posição pré-verbal, precedendo os outros marcadores de TMA, como se pode observar em (17) e (18). Tal como em kabuverdianu (e.g. Pratas 2007; Alexandre 2009), a única exceção a esta ordem verifica-se com o verbo de cópula *i* ‘ser’. Com este verbo, o marcador de negação *ka* ocorre sempre em posição pós-verbal (19). Vejamos os seguintes exemplos:

- (17) a. *Ntoni ka papia ku Djon.*
Ntoni NEG falar com Djon
‘O António não falou com o João.’

b.* *Ntoni papia ka ku Djon.*

- (18) a. *Ntoni ka na papia ba ku Djon.*
Ntoni NEGPROG falar ANT com Djon
‘O António não falava com o João.’

b. **Ntoni na ka papia ba ku djon.*

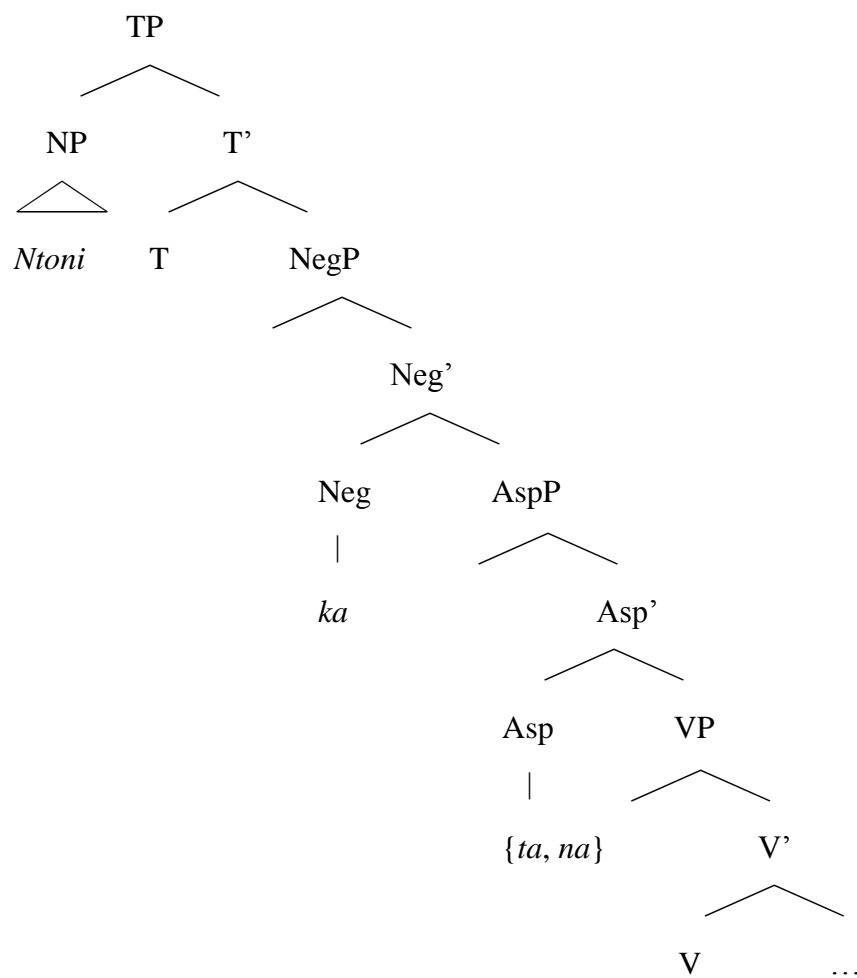
- (19) *Maria i ka si fidju.*
Maria ser não seu filho
‘A Maria não é sua filha’.

2.5. Síntese

Nos pontos anteriores deste capítulo, sintetizámos alguns aspetos básicos da estrutura frásica do kriol, nomeadamente a existência de estruturas de duplo objeto, o sistema de marcação de TMA e a negação frásica, que são aspetos relevantes para os capítulos seguintes em que se discute a questão do movimento do verbo. Com base nos dados apresentados, propomos a seguinte representação para a estrutura frásica do kriol.

Note-se que não foi ainda incluído o morfema *ba*, que será objeto de análise nos capítulos seguintes.

(20)



3. Movimento do verbo

Neste capítulo, revisita-se a proposta de Pollock (1989) para o movimento do verbo em línguas como o francês e discute-se esta propriedade para línguas crioulas em geral e o kabuverdianu em particular.

3.1 Pollock (1989)

Desde Emonds (1978), Pollock (1989) e Chomsky (1989), a ordem do verbo relativamente a um advérbio, a negação e a flutuação de quantificadores são utilizadas como diagnósticos do movimento do verbo para o domínio flexional. Em particular, se o verbo preceder qualquer um destes elementos, isso poderá indicar a existência de movimento do verbo de V° para T° (ou I°, na literatura mais antiga).

O trabalho de Pollock (1989) mostra como se processa o movimento do verbo em francês e inglês partindo da ideia de que os traços morfológicos tradicionalmente integrados em I têm diferentes naturezas, pelo que devem ocupar projeções diferentes (IP e AgrP).

A análise distribucional de pares de frases do francês e do inglês leva Pollock a concluir que o comportamento dos verbos, no que respeita à subida para T, é diferente nestas duas línguas em análise. Deste modo, em estrutura de superfície, a posição que um advérbio ocupa em francês, relativamente ao verbo, é a oposta à que ocupa o advérbio equivalente em inglês. Nesse estudo comparativo entre o francês e o inglês, Pollock analisa as seguintes frases:

(21) a. Jean embrasse souvent Marie.

a'. *John kisses often Mary.

b. *Jean souvent embrasse Marie.

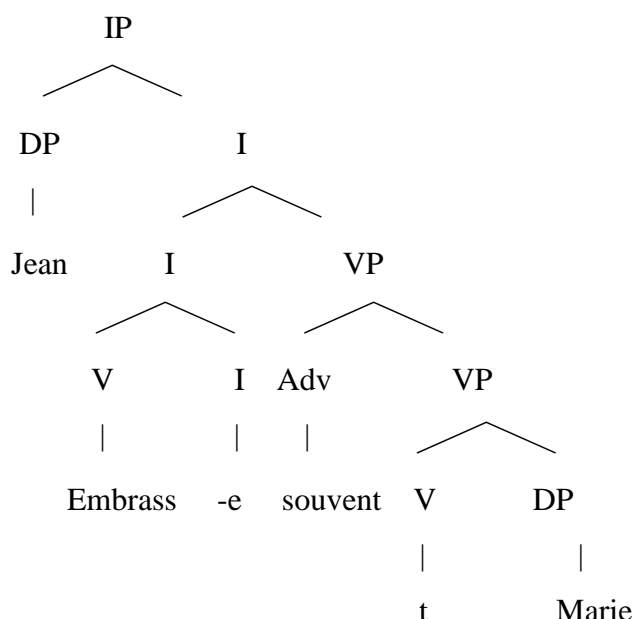
b'. John often kisses Mary.

Pollock (1989) defende que o francês e o inglês partilham a mesma estrutura profunda, sendo que o contraste entre estas duas línguas quanto à posição do advérbio está relacionado com o movimento do verbo. O autor afirma que, não havendo movimento de advérbio (nem para a direita, nem para a esquerda), as duas posições

distintas (pré e pós-verbal) são atribuíveis ao movimento ou não movimento do verbo para I.

No caso do francês, como mostram as frases (21(a) e (b)) em cima, a posição do advérbio é pós-verbal. Nessa língua, segundo o autor, o movimento do verbo para I é obrigatório nas frases finitas e opcional das frases infinitivas.

(22)



Em inglês, o advérbio ocorre em posição pré-verbal, como mostram os exemplos (21 (a') e (b')) acima apresentados. Segundo Pollock, o inglês apresenta certas restrições ao movimento do verbo, que refere serem do tipo lexical. Ao contrário do francês que prevê o movimento do verbo para todos os verbos, o inglês restringe-o aos verbos *to have* e *to be*. Esta proposta permite a Pollock avançar com a ideia de que estes auxiliares também sobem para I em inglês. Vejamos o seguinte exemplo:

(23) John has often kissed Mary.

Em termos teóricos a explicação do autor passa por defender que o nó Agr(eement) em inglês tem uma natureza mais fraca do que em francês ([transparente], nos termos de Pollock) impedindo, desse modo, um verbo com grelha temática movido para I de atribuir papel- θ ao seu argumento interno. Por oposição, em

francês, o nó Agr(eement) tem uma natureza mais forte ([+ transparente) permitindo a qualquer verbo atribuir um papel - θ ao argumento selecionado.

3.2 O movimento do verbo em línguas crioulas

Com base na Teoria dos Princípios e Parâmetros, Roberts (1999) defende que as línguas crioulas apresentam parâmetros de valores não marcados, mesmo quando esses parâmetros exibem valores marcados em suas línguas lexificadoras, partindo do princípio de que qualquer parâmetro depende dos valores dos traços abstratos dos núcleos funcionais, o autor sugere que a variação paramétrica decorre do fato de um dado núcleo funcional poder desencadear movimento de vários tipos. Se um núcleo desencadear movimento, cria-se uma representação relativamente complexa. O valor desencadeador do movimento de um parâmetro (o valor ‘forte’ na terminologia de Chomsky) é então o valor marcado.

Desse modo, os crioulos apresentariam valores não marcados de parâmetros sintáticos em função das circunstâncias em que ocorre a sua gênese. Tendo como ponto de partida para a sua formação um *pidgin* ou interlínguas, o crioulo formar-se-ia com parâmetros fracos, em função da perda de morfologia que se dá na fase inicial do processo de transmissão linguística irregular. O estímulo para a aquisição das gerações iniciais de falantes do crioulo pode ser “morfológica e sintaticamente defetivo em pontos cruciais” em relação a certas propriedades requeridas para o desencadeamento de traços fortes. Assim, segundo Roberts, muitas propriedades típicas das línguas crioulas, tais como a ausência de movimento do verbo, de sujeitos nulos referenciais e de clíticos complementos, bem como a ordem SVO e o sistema de partículas de tempo, modo e aspeto podem ser analisados sob esse prisma.

O processo é particularmente notável nos casos dos crioulos que apresentam um valor não marcado para um parâmetro que possui um valor marcado na língua lexificadora. O crioulo de Haiti, por exemplo, não apresenta movimento do verbo para T existente na sua língua lexificadora, o francês (DeGraff 1994; DeGraff & Dejean 1994, *apud* Roberts 1999). A ausência de movimento estaria relacionada com a perda de morfologia flexional do verbo ocorrida no período formativo do crioulo, constituindo assim o valor não marcado do parâmetro. A perda de clíticos, também exemplificada na relação histórica entre o crioulo de Haiti e o francês, pode igualmente ser vista nessa perspectiva. A existência de clíticos sintáticos constitui um parâmetro marcado, pois

implicaria necessariamente uma operação de movimento *overt*, o que não acontece na ausência dessas partículas. Segundo Roberts, espera-se, por isso, que os crioulos não possuam esse tipo de clítico.

Ainda de acordo com Roberts (1999), a ordem SVO, generalizada entre as línguas crioulas, também pode ser vista como a instanciación de um valor não marcado do parâmetro. O mesmo raciocínio aplicar-se-ia à ausência de sujeitos nulos em línguas crioulas. Devido à perda de morfologia flexional no processo de transmissão linguística irregular, os crioulos não apresentariam sujeitos (referenciais) nulos, ao passo que muitas das línguas lexificadoras exibem essa propriedade. Porém, essas propriedades não são exclusivas das línguas crioulas, uma vez que há línguas que não são consideradas crioulos que podem ter constelações similares de valores não marcados: o inglês, por exemplo, não tem movimento de verbo para os domínios funcionais mais altos, apresenta ordem SVO, não apresenta sujeitos nulos nem clíticos complementos, e apresentaria um sistema de marcadores pré-verbais de tempo, modo que revela semelhanças com o dos crioulos (Roberts, 1999).

Ainda sobre o movimento do verbo, Roberts (1999) afirma que esta questão é particularmente interessante em crioulos cujas línguas lexificadoras têm movimento do verbo. Um caso claro deste tipo é o crioulo haitiano, que tem como língua lexificadora o francês. O haitiano não apresenta movimento de V para I, como tem sido demonstrado por DeGraff (1994) e Dejean & DeGraff (1994). DeGraff (1994) aplica os testes de Pollock, nomeadamente, a distribuição dos advérbios e negação para testar o movimento do verbo no crioulo haitiano e os resultados mostram que há ausência de movimento de V para I nessa língua. Veja-se o contraste entre o francês e o haitiano nos seguintes exemplos, retirado de Roberts (1999: 304-305):

Advérbios:

(24)

a. i. *Bouki pase deja rad yo. (Crioulo Haitiano)

Bouki iron already cloth the

ii. Bouki deja pase rad yo.

‘Bouki has already ironed their clothes.’

b. i. Bouqui repasse déjà le linge. (Francês)

Bouqui irons already the cloth

‘Bouqui is already ironing the clothes.’

ii. *Bouqui déjà repasse le linge.

Negação:

(25)

a. i. Boukinèt pa renmen Bouki. (Crioulo Haitiano)

Boukinèt NEG love Bouki

‘Boukinèt does not love Bouki.’

ii. *Boukinèt renmen pa Bouki.

b. i. *Jean ne pas aime Marie. (Francês)

ii. Jean n’aime pas Marie.

Jean NEG-love NEG Marie.

‘Jean does not love Marie.’

Estes exemplos mostram que os advérbios e partícula de negação precedem sempre o verbo ao contrário do que acontece em francês. Roberts conclui que o haitiano não apresenta movimento de V para I e prevê que esta é uma propriedade generalizada em línguas crioulas.

3.3. O movimento do verbo em kabuverdianu

O caso do kabuverdianu reveste-se de particular interesse para o debate sobre o movimento do verbo em línguas crioulas, uma vez que esta questão foi discutida por diferentes autores, que chegaram a conclusões distintas, e também por causa da proximidade genética e tipológica entre esta língua e o kriol. De seguida, mostraremos que há uma linha de análise que defende a existência de movimento de verbo (Baptista 2002) e uma linha de análise que contraria essa análise (Alexandre 2009; Pratas 2007).

Na secção que se segue apresentaremos as diferentes posições defendidas por cada uma das autoras.

3.3.1. Baptista (2002)

Baptista (2002) defende que o kabuverdianu apresenta movimento do verbo, argumentando que a ausência de morfologia verbal (rica) não é determinante para a existência desta propriedade. Esta autora afirma que, nos seus dados, há evidência estrutural – e não morfológica - para corroborar esta hipótese, apresentando dados de flutuação de quantificador *tudu* para afirmar que existe movimento do V para T em kabuverdianu, como nos seguintes exemplos:

(26) a. ***Tudu*** *konbidadu txiga na mismu tenpu.* Baptista (2002:147)

all guest arrive at same time

‘All the guests arrived at the same time.’

b. *Konbidadu txiga tudu na mismu tenpu.*

guest arrive all at same time

‘The guests arrived all at the same time.’

c. *Konbidadu tudu txiga na mismu tenpu.*

Outro diagnóstico usado por Baptista para testar o movimento do verbo é a distribuição dos advérbios. Segundo Baptista, no kabuverdianu o verbo move para T porque advérbios e quantificadores flutuantes podem aparecer à direita do verbo, ou seja, o verbo precede estes elementos. Vejamos agora o exemplo com advérbios:

(27) *João prende ben/mal se lison.* (Baptista 2002:130)

João learn well/badly his lesson

‘João learnt his lesson well/badly’.

Baptista usa também o morfema *-ba*, ou seja, o marcador de anterioridade para apresentar uma outra evidência do movimento, afirmando que, a posição pós-verbal do *-ba* é uma consequência da existência de movimento V-para-T em kabuverdianu. A

autora considera ainda que há uma única posição clítica pós-verbal. Quando esta é ocupada por *-ba*, não sobra nenhuma posição disponível à direita de V para qualquer outro núcleo, neste caso, um clítico de objeto, que obriga a realização do pronome fraco. Observemos os dados seguintes:

- (28)
- | | |
|-------------------------|------------------------|
| a. <i>E odja-l</i> | ‘Eles viram-no’ |
| b. <i>E fla-l</i> | ‘Ele disse-lhe’ |
| c. <i>E odjaba el</i> | ‘Eles tinham-no visto’ |
| d. * <i>E odjaba-l</i> | |
| e. * <i>E flaba-l</i> | |
| f. <i>Djon da-bu el</i> | ‘Djon deu-to’ |
| g. <i>Djon da-bu-l</i> | Djon deu-to’ |

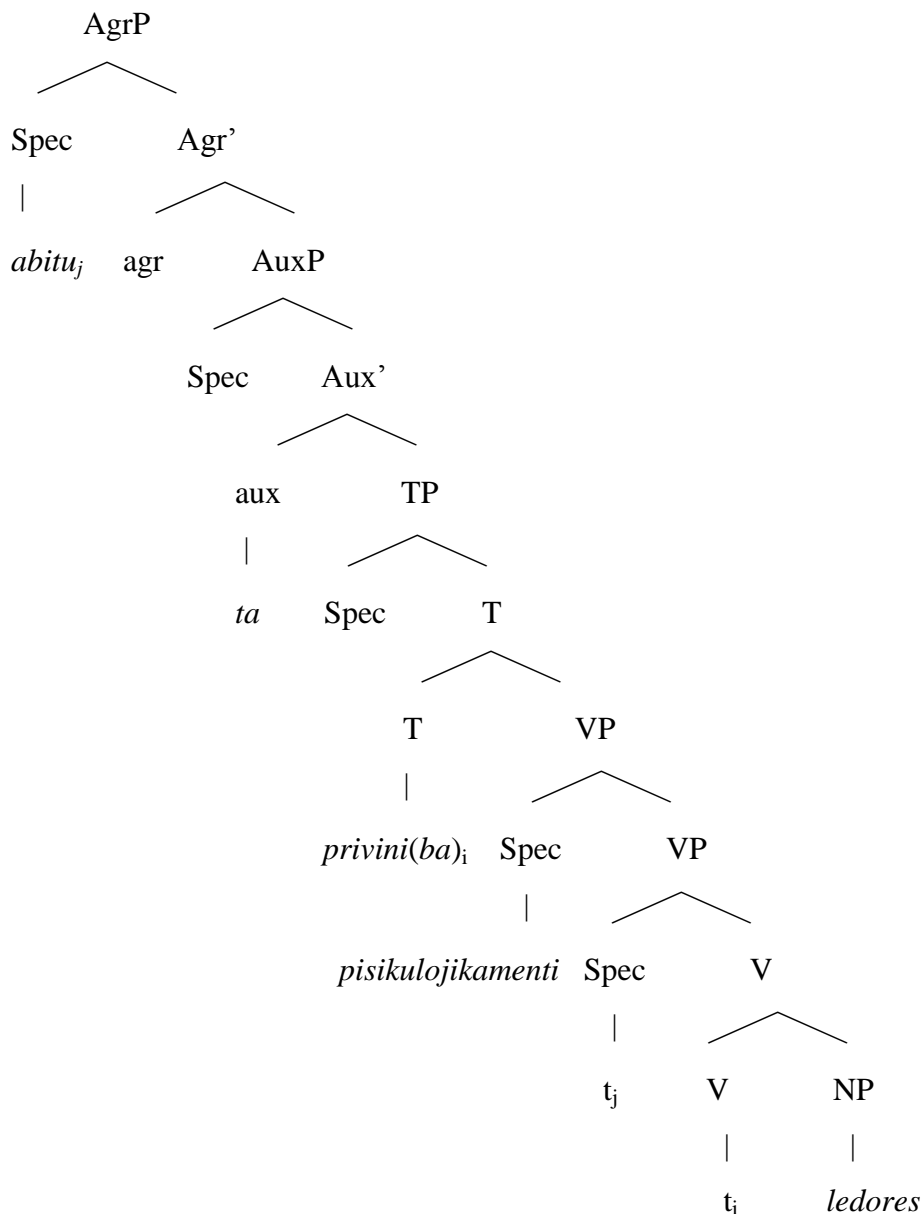
No kabuverdianu, *-ba* é um sufixo verbal gerado em T°; portanto, o verbo move-se até T, o que permite obter a ordem linear V + *ba*, como no exemplo (29) em baixo.

- (29) Dinheru [_{TP} [_{T°} [_V *konpensa*]_i [_{T°} *ba*]] materialmenti [_{VP} [_V ~~*konpensa*~~]_i *tenpu gastadu*]]. (Baptista 2002: 206)

Aqui, o verbo *konpensa* ‘compensar’ move da sua posição até T e fica adjunto à esquerda de *ba* em T°.

A estrutura do movimento proposto por Baptista é ilustrada em (30).

(30)



3.3.2. Pratas (2007)

Pratas (2007) afirma que os exemplos com flutuação do quantificador com verbos inacusativos apresentados em Baptista (2002) não são conclusivos no que respeita ao movimento do verbo no kabuverdianu. Segundo esta autora, seguindo a literatura disponível sobre verbos inacusativos, o sujeito deste tipo de verbos é gerado como argumento interno em posição pós-verbal. Assim, é o argumento interno que move, deixando opcionalmente o quantificador flutuante para trás, e não o verbo. Pratas (2007) reforça esta hipótese ao mostrar a impossibilidade de ocorrência do quantificador flutuante em posição pós-verbal com verbos transitivos, como nas seguintes frases:

- (31) a. **Mininus obi tudu mesmu storia.* Pratas (2007:196)
 children listened all same story
- b. *Tudu mininus obi mesmu storia.*
 all children listened same story
 ‘All the children listened to the same story.’
- c. *Mininus come tudu kuskus ku mantega.* (*tudu kuskus* / * *tudu mininus*)
 children ate all kuskus with butter
 ‘The children ate all the kuskus...’ / * ‘All the children ate...’

Argumentando ainda contra o movimento do verbo no kabuverdianu, Pratas (2007) apresenta exemplos em que os seus informantes de Santiago não só rejeitam o advérbio *ben*, como também o padrão de colocação entre o verbo e o objeto direto na proposta de Baptista (2002). Para os seus informantes *dretu* deve sempre ocorrer em posição final. Comparem-se os seguintes exemplos:

- (32) a. *João prende ben se lison.* (Baptista 2002:185)
 João learnt well his lesson
- b. *João prende si lison dretu.* (Pratas 2007:197)
 João learnt his lesson well

A frase (32a) foi identificada como sendo do dialeto da Ilha Brava; para Pratas, este tipo de frases pode não ser representativo. Loureiro & Pratas (2003) mostram que há, no entanto, alguns advérbios que são permitidos entre o verbo e o objeto. Considere os seguintes exemplos de Pratas (2007: 197):

- (33) a. *Maria ta obi so es musika li y dipos e ta bai durmi.*
 Maria TMA listen only this music and after 3SG TMA go sleep
 ‘Maria is going to listen only to this music and then she’ll go to sleep.’

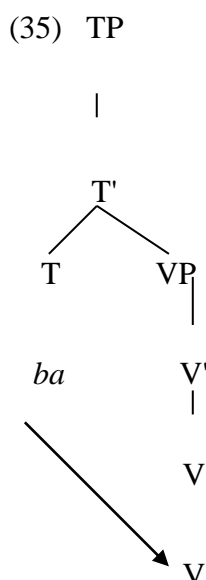
- b. *N ta kumeba txeu pexi.*
 1sg TMA eat lot of fish
 ‘I used to eat a lot of fish.’

Estes advérbios, segundo estes autores, não têm uma leitura adverbial, são modificadores do DP objeto. Segundo Pratas, os exemplos usados por Baptista lançam algumas dúvidas à afirmação de que há ‘fortes indícios’ de haver movimento do verbo em kabuverdianu. Recorrendo aos mesmos testes diagnósticos de quantificação flutuante e de distribuição dos advérbios a autora chega à conclusão contrária de que não há nenhuma evidência positiva em favor de movimento de V para T, no kabuverdianu.

Um outro dado usado por Pratas para testar o movimento do verbo no kabuverdianu é a colocação do marcador temporal *-ba*. Costa & Pratas (2004) argumentam que um potencial problema para afirmar que há movimento de V-para-T em kabuverdianu é a presença do afixo *ba* pós-verbal, como mostra o exemplo a seguir.

- (34) *N ta kumeba txeu katxupa.*
 I used to eat lots of cachupa.

Na estrutura que se segue, Costa & Pratas (2004) propõem uma análise diferente, sem movimento de V-para-T, propondo que o *-ba* pós-verbal envolve o abaixamento desse morfema para V, como mostra a estrutura em (35). Uma vez que esta é uma operação pós-sintática, ela não requer movimento do Verbo.



Segundo esses autores, esta proposta alternativa para o *-ba* responde a duas questões:

- (i) Tratando-se de uma operação morfológica, a adjacência entre *ba* e a raiz é necessária. Portanto, prevê-se que não existe material entre T e VP, assim como no caso do morfema *-ed* em inglês (Bobaljik 1995).
- (ii) Esta análise fornece uma explicação natural para o facto de os objetos pronominais e o clítico *-ba* estarem em distribuição complementar, como podemos ver em (36).

(36) a. *N ta odja-l tudu dia.* (Costa & Pratas 2004: 10)

I TMA see-3SG every day

‘I see him every day.’

b. **N ta odjaba-l tudu dia*

I TMA see-TMA-3SG every day

‘I used to see him every day.’

Para (36b) ser gramatical, o pronome forte (e não a forma clítico) tem de ocorrer na frase, como em (37):

(37) *N ta odjaba el tudu dia.* (Costa & Pratas 2004: 10)

A ideia defendida por Costa e Pratas pode ser assim resumida: a posição pós-verbal, de um dos marcadores do TMA, *-ba*, pode ser explicada por uma operação de abaixamento e não como sendo uma evidência para o movimento do verbo.

3.3.3. Alexandre (2009)

Ainda relativamente aos quantificadores flutuantes no kabuverdianu, o trabalho de Baptista (2002) voltou a ser debatido em Alexandre (2009). Segundo Alexandre, o verbo inacusativo *txiga* ‘chegar’, usado na frase “*Konbidadu txiga tudu na mismu tenpu*” (cf. 26b), não se moveu. É a parte do sujeito QP (ou seja, o DP *konbidadu*), que se moveu para a posição inicial da frase, deixando o quantificador *tudu* em sua posição original, como argumento interno. Vejamos o seguinte exemplo:

(38) [_{DP} Konbidadu]_i txiga [_{QP/SBJ} tudu [~~konbidadu~~]_i] na mismu tenpu.

(Alexandre 2009: 19)

Não obstante este fato, pode-se observar que verbos monoargumentais: verbos inacusativos como *txiga* (cf. 38) e verbos inergativos como *badja* 'dançar' e *fuji* 'fugir' (cf. (39) e (40)) podem ocorrer à esquerda de quantificador *tudu*.

(39) Konbidadus ta [_V badja] [_{Adv} **tudu**] na festa di Djuana.
 guests IPFV dance all in party of Djuana
 Lit.: 'The guests dance all at Djuana's party'.

(40) Kántu soldádu di rai txiga, trópas inimigu [_V fuji] [_{Adv} **tudu**].
 when soldiers of king arrive troops enemy run.away all
 Lit.: 'When the king's soldiers arrived, the enemy troops run away all.'
 (adaptado from Brüser & Santos, 2002: 257, *apud* Alexandre 2009: 20)

Alexandre corrobora que o quantificador não pode ocorrer à direita de verbos transitivos. Observemos as seguintes frases com o verbo transitivo *kunpra* 'comprar', retiradas de Alexandre (2009: 20):

(41) a. [_{QP} **Tudu** [_{DP} mudjeris]] (ta) kunpra ropa nobu.
 all women PFV/IPFV buy cloth new
 'All the women bought/buy new clothes'.

b. [_{QP} [_{DP} Mudjeris]_i **tudu** [~~mudjeris~~]_i] (ta) kunpra ropa nobu.
 Lit.: 'The women all bought/buy new clothes'.

c. #[_{DP} Mudjeris]_i (ta) kunpra [_{QP} **tudu** [~~mudjeris~~]_i] ropa nobu.
 Lit.: 'Women bought/buy all new clothes'

Na frase (41c) o verbo não se moveu da sua posição; o elemento movido é o DP *mindjeris* 'mulheres'. Essa frase apenas é gramatical quando *tudu* está associado ao objeto *ropa nobu* "As mulheres comprem todas as roupas novas". Segundo (Alexandre

2009: 20), pode dizer-se que o kabuverdianu não apresenta uma distinção clara entre verbos inacusativos e verbos inergativos, dado que os verbos inergativos típicos exibem algumas propriedades dos verbos inacusativos.

Além dos quantificadores, Alexandre usa também novos advérbios para testar o movimento do verbo no kabuverdianu, uma vez que Baptista (2002) tinha utilizado apenas os advérbios *ben* ‘bem’ e *mal* ‘mal’, que, por serem monossilábicos podem ter comportamento diferenciado de outros advérbios (Costa 1998). Alexandre apresenta exemplos com os advérbios *txeu dimas* e *sabi*, indicados em (42) e (43) respetivamente.

(42) a. Maria [_V gosta] di múzika [_{Adv} **txeu dimás**]. (Alexandre 2009:17)

Maria like of music too much

‘Maria likes music too much.’

b. Maria [_V gosta] [_{Adv} **txeu dimás**] di múzika.

Lit.: ‘Maria likes too much of music.’

(43) a. *Kes mininu-li ta [_V papia] [_{Adv} **sabi**] ingles. (Alexandre 2009: 18)

DEM boy-PROX IPFV talk well English

Lit.: ‘These boys speak well English’.

b. Kes mininu-li ta [_V papia] ingles [_{Adv} **sabi**].

‘These boys speak English well’.

Segundo Alexandre, as frases (42) e (43) mostram que, no kabuverdianu, verbos estativos como *gosta* ‘gostar’ movem-se abertamente (cf. (42)), enquanto os verbos não-estativos como *papia* ‘falar’ não permitem o movimento *overt* do verbo (cf. (43)). Contudo, esta diferença também poderá estar relacionada com o facto de *gosta* seleccionar um PP e *papia* um DP.

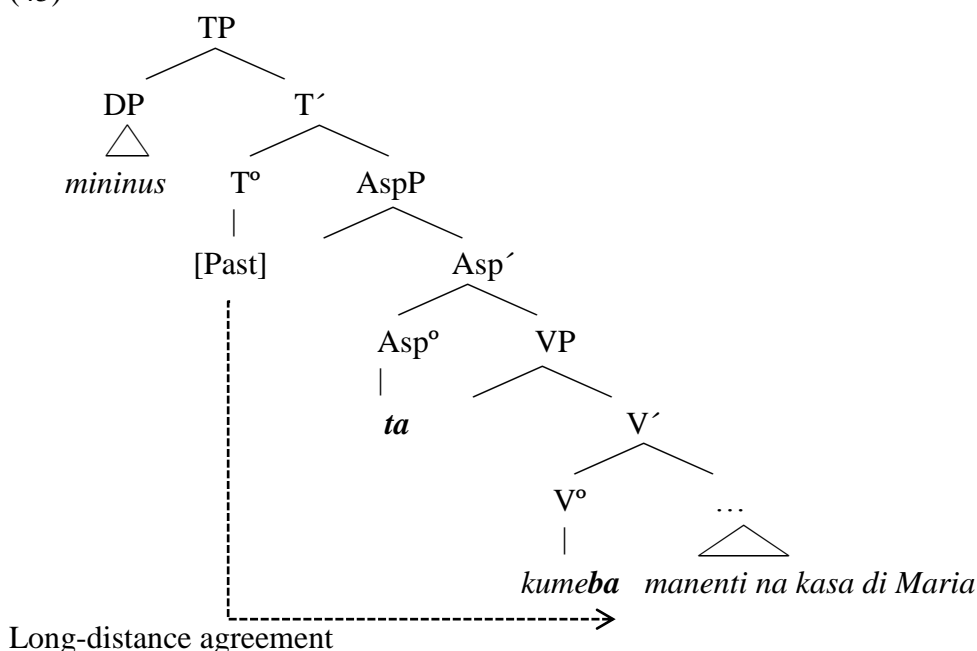
Relativamente ao marcador temporal *-ba*, Alexandre observa que este é um sufixo em kabuverdianu, mas que ocorre como um morfema livre em outras línguas crioulas. Por exemplo, no kriol, *ba* ocorre livremente após o verbo (Kihm, 1994), e em posição pré-verbal em santome (*tava~ta* - Hagemeijer 2007) e em papiamento (*tabata* – Maurer 1988). No kabuverdianu, a adjacência entre o verbo e *-ba* é obrigatória, mesmo quando os pronomes estão presentes como mostra o exemplo (44).

- (44) a. *N kontaba bu.* (Alexandre 2009: 26)
 1SG tell(PST) 2SG
 ‘I used to tell you.’

b. **N kontu-u ba.*

Considerando esses fatos, Alexandre propõe que *-ba* ocorre em T e verifica o traço [T] do V° por concordância a distância, sendo a realização do *-ba* como sufixo do V, portanto uma operação pós-Spellout, em PF.

(45)



Em suma, tal como Pratas (2007), a autora discorda da proposta da Baptista que diz que o kabuverdianu permite o movimento de V-para-T.

3.4. Síntese

Nos pontos anteriores deste capítulo, discutimos alguns aspetos do movimento do verbo.

A ocorrência dos advérbios entre o verbo e o seu complemento foi considerada por (Pollock 1989) como sendo um argumento a favor do movimento do verbo.

Com base na ausência de morfologia flexional, os crioulos são considerados línguas que não apresentam o movimento do verbo. As partículas pré-verbais são tidas como elementos que bloqueiam o movimento de V para T (Roberts 1999).

Segundo os dados apresentados para o kabuverdianu, os advérbios não podem ocorrer à direita do verbo, ou seja, entre o verbo e o seu complemento. A ocorrência do quantificador à direita do verbo é restrita aos verbos intransitivos. Os quantificadores não podem ocorrer à direita dos verbos transitivos. O morfema *ba* é tido como um marcador temporal gerado em T e a concordância temporal é justificada com o abaixamento desse morfema para V (Pratas 2007); *ba* é um sufixo verbal gerado em T e mantém a concordância a distância com o traço T (Alexandre 2009).

Com base nesses resultados (Pratas 2007) e (Alexandre 2009) concluíram que, no kabuverdiano, o verbo não se move. Opinião contrária teve Baptista (2002) ao afirmar que há movimento do verbo no kabuverdianu, porque os advérbios e o quantificador podem aparecer à direita do verbo.

4. Movimento do verbo no kriol

4.1. Introdução

A questão do movimento do verbo não tem sido discutida para o kriol. Recorrendo aos testes de colocação de advérbios, quantificação flutuantes e o comportamento do morfema *ba*, mostraremos que o kriol é fundamentalmente diferente do kabuverdianu, motivando uma análise com movimento do verbo. A distribuição dos advérbios será tratada no ponto 4.2. A descrição do quantificador *tudu* ‘todos’ será feita no ponto 4.3 deste capítulo. No ponto 4.4, trataremos do morfema anterior *ba*, que é um dos marcadores do TMA. Por último, no ponto 4.5, apresentaremos a análise.

4.2. Distribuição de advérbios

4.2.1. Descrição dos dados

O objetivo desta secção é fazer uma breve descrição do comportamento de alguns advérbios do kriol. Tradicionalmente, considera-se que os advérbios, em línguas como o português, se distinguem de outras categorias por exibirem uma sintaxe mais flexível, na medida em que tipicamente podem ocupar diversas posições numa frase. Em seguida, mostraremos que o comportamento dos advérbios em kriol é bastante variável em termos da sua mobilidade sintática. Começamos pelo advérbio temporal *sempri* ‘sempre’:

- (46) a. *Sempri* *Djon ta kumpra pon.*
sempre João HAB comprar pão.

b. *Djon sempri ta kumpra pon.*

c. *Djon ta kumpra sempri pon.*

d. *Djon ta kumpra pon sempri.*

e. **Djon ta sempri kumpra pon.*

‘O João costuma sempre comprar pão.’

Como os exemplos acima mostram, o advérbio *sempre* apresenta uma grande mobilidade frásica. Como já tínhamos visto na secção sobre TMA, a posição entre a partícula de aspeto *ta* e o verbo, em (46e), não está disponível para qualquer material lexical. É de referir ainda que as diferentes posições ocupadas pelo advérbio *sempri* não resultam em leituras distintas. Vejamos agora o comportamento deste advérbio com construções de duplo objeto.

(47) a. *Djon ta pati mindjeris floris sempri.*

João HAB oferecer mulheres flores sempre

b. ?*Djon ta pati sempri mindjeris floris.*

c. ?*Djon ta pati mindjeris sempri floris.*

‘O João oferece sempre flores às mulheres.’

Note-se que, quando o verbo é transitivo o advérbio ocorre livremente na frase, mas quando o verbo é ditransitivo a ocorrência do advérbio *sempri* em posições interiores é considerada mais marginal. As frases (47b) e (47c) são aceitáveis para alguns falantes. Vejamos agora o advérbio temporo-aspetual *dja* ‘já’.

(48) a. *Djon kumpra dja kasa.*

João comprar já casa

b. *Djon kumpra kasa dja.*

c. **Dja Djon kumpra kasa.*

d. **Djon dja kumpra kasa.*

‘O João já comprou a casa.’

Os exemplos mostram que o advérbio *dja* exhibe um comportamento mais restrito do que *sempri*, podendo ocorrer somente em posição pós-verbal, aceitando apenas posições internas ao VP. Com verbos ditransitivos, *dja* também produz frases

gramaticais, embora a posição entre o OI e o OD seja menos aceitável para os informantes.

(49) a. *Djon ta pati **dja** mindjeris floris.*

João HAB oferecer já mulheres flores

b. *Djon ta pati mindjeris floris **dja**.*

c. *?Djon ta pati mindjeris **dja** floris.*

‘O João já oferece flores às mulheres.’

O advérbio *inda* ‘ainda’ também pode ocorrer na maioria das posições disponíveis, exceto em posição inicial:

(50) a. *Mininus **inda** na kume pon.*

crianças ainda PROG comer pão

b. *Mininus na kume **inda** pon.*

c. *Mininus na kume pon **inda**.*

d. ****Inda** mininus na kume pon.*

‘As crianças ainda estão a comer pão.’

Importa salientar de novo que as diferentes posições ocupadas pelos advérbios *dja* e *inda* não implicam diferentes interpretações. A distribuição de *inda* com o verbo ditransitivo *pati* é idêntica à de *dja*:

(51) a. *Djon ta pati **inda** mindjeris floris.*

João HAB oferecer ainda mulheres flores

b. *Djon ta pati mindjeris floris **inda**.*

- c. ?*Djon ta pati mindjeris **inda** floris.*
 ‘O João ainda oferece flores às mulheres.’

Os advérbios que são tradicionalmente considerados de VP, aqui representados por *diritu* ‘direito/bem’ e *ben* ‘bem’ ocorrem nos seguintes contextos:

- (52) a. *Alunu studa si lison diritu/ben.*
 aluno estudar seu lição bem

- b. *Alunu studa diritu/ben si lison.*

- c. **Diritu/ben alunu studa si lison.*

- d. **Alunu diritu/ben studa si lison.*
 ‘O aluno estudou bem a sua lição.’

Pelos exemplos apresentados em cima, podemos ver que os advérbios de modo *diritu* e *ben* surgem apenas nas duas posições internas ao VP.

4.2.2. Discussão

Podemos concluir desta apresentação que a mobilidade do advérbio não é uma propriedade sintática constante para todos os advérbios, como, de resto, não seria de esperar. Dos advérbios temporo-aspetuais analisados, constatou-se que, em relação à sua mobilidade, o advérbio *sempri* é o que apresenta maior mobilidade frásica. Os restantes advérbios ocorrem sobretudo internamente ao VP, sendo que *inda* também pode ocupar uma posição pré-verbal. Relativamente aos verbos ditransitivos, verificou-se que a ocorrência dos advérbios entre os dois complementos verbais é menos aceitável para os falantes.

De facto, a gramaticalidade generalizada dos contextos advérbios que ocorrem entre o verbo e o seu objeto em estruturas (di)transitivas em kriol constitui, na linha de análises como a de Pollock e outros, uma primeira evidência para o movimento do verbo, pese embora numa língua sem morfologia flexional. Estes dados afastam o kriol da generalidade das línguas crioulas (e.g. Roberts 1999), incluindo o kabuverdianu

descrito em Pratas (2007) e Alexandre (2009); as autoras não encontraram evidência sólida para o padrão de colocação de advérbios entre o verbo e o seu objeto. Baptista (2002), no entanto, apresenta alguns dados de advérbios que vão na linha do que mostrámos para o kriol e utiliza-os como um dos argumentos principais para a existência de movimento do verbo nessa língua.

4.3. Flutuação de quantificador

4.3.1. Descrição dos dados

Nesta secção descreveremos o comportamento sintático do quantificador *tudu*, que pode ocupar diferentes posições sintáticas em relação ao NP a que pertence. Trata-se de um elemento que não flexiona em género e número. Vejam-se os seguintes exemplos:

(53) a. ***Tudu*** *mininus lei livrus.*

todas crianças ler livros

‘Todas as crianças leram livros.’

b. *Mininus* ***tudu*** *lei livrus.*

‘As crianças todas leram livros.’

c. *Mininus lei* ***tudu*** *livirus.*

‘As crianças leram todas livros.’ / ‘As crianças leram todos os livros.’

d. *Mininus lei livrus* ***tudu***.

‘As crianças leram os livros todos/ integralmente.’

Os exemplos acima mostram que o quantificador *tudu* pode ocorrer à esquerda do Nome (cf. 53a), à direita do Nome (cf. 53b) e ainda à direita do verbo (53c). Nas posições pré-verbais, *tudu* quantifica o NP sujeito e no exemplo (53c) *tudu* pode quantificar tanto o NP sujeito como o NP objeto, dependendo da prosódia. Se sobre *tudu* recair um acento contrastivo (ênfase), *tudu* estará a quantificar o NP sujeito *mininus*; se não existir esta leitura contrastiva, *tudu* quantifica tipicamente o NP objeto *livirus*. Por fim, a leitura em (53d) incide sobre o objeto.

O contraste semântico entre as frases (53a) e (53b)) acima apresentadas mostra que *tudu* pode ter diferentes interpretações dependendo da posição em que ocorre. De facto, existem ligeiras diferenças nas interpretações que se obtêm em diferentes posições. Em posição pré-nominal *tudu* recebe preferencialmente a leitura distributiva, assim a frase (53a) pode ser interpretada como ‘cada uma das crianças leu pelo menos um livro’, enquanto a frase (53b) pode ser interpretada como ‘um grupo de crianças partilhou entre si a leitura de um livro’. Na frase (53d) o quantificador *tudu* ocupa a posição baixa em relação ao objeto direto. Nessa frase, a expressão *tudu* pode ser interpretada como operador holístico correspondente a *todo* do português.

Quando o quantificador *tudu* ocorre em posição pós-verbal sem ser seguido de nenhum complemento, a quantificação recai automaticamente sobre o sujeito.

- (54) *Mininus kume tudu.*
crianças comer todo
‘Todas as crianças comeram.’

Quando o objeto quantificado é pronominalizado, este é sufixado ao verbo, sendo seguido do quantificador.

- (55) a. *Alunus lei-l tudu.*
alunos ler-3SG todo
‘Os alunos leram-no todos.’

- b. **Alunus lei tudu -l.*

Com verbos inergativos, *tudu* em posição pós-verbal associada ao sujeito da frase também é gramatical.

- (56) a. *Tudu alunus kuri.*
todo alunos correr
‘Todos os alunos correram.’

b. *Alunus tudu kuri.*
c. *Alunus kuri tudu.*

Segundo Peres & Branco (1989), *todo* em português pode ser interpretado em certos casos como um operador holístico e, noutros, como estando associada a um quantificador universal, obtendo-se neste segundo caso a leitura distributiva. Ainda segundo esses autores, existem casos em que a estrutura com *todo* pode ser ambígua entre a leitura distributiva e a leitura holística, como mostra o exemplo que se segue:

(57) Todo o artigo foi revisto. (Peres & Branco 1989: 189)

Uma das observações feitas por esses autores diz respeito à noção sintática de flutuação de quantificadores. O que há a dizer é que, sempre que uma expressão pode ser interpretada como operador holístico (caso em que não tem a interpretação normal de um quantificador), ela não pode ser objeto de movimento a que se tem dado aquela designação. Vejamos os exemplos que se seguem, onde no segundo exemplo de cada par se substituiu o artigo definido do NP relevante por outro quantificador:

(58) a. Os livros ficaram todos molhados. (Peres & Branco 1989: 193)

b. Alguns livros ficaram todos molhados

(59) a. Os vestidos, a Maria comprou-os todos pretos. (Peres & Branco 1989: 193)

b. Alguns vestidos, a Maria comprou-os todos pretos.

As frases apresentadas em (a.) são ambíguas entre uma leitura distributiva e uma leitura holística e as (b.) só podem ter leitura holística. Não se pode derivar as frases (b.) a partir de uma estrutura em que o operador *todos* estaria aplicada a um NP com o quantificador ‘alguns’, uma vez que tal estrutura não tem interpretação possível. Este facto reforça a ideia de que nos casos de leitura holística não ocorre nada de semelhante a uma flutuação de quantificador (Peres & Branco 1989).

Voltando aos exemplos do crioulo podemos dizer que o contraste semântico existente no conjunto das frases acima (53) mostra que *tudu* pode ter diferentes interpretações conforme a posição que ocupa na frase. Esse contraste é mais notável nos NPs objetos. Nesses casos, quando *tudu* ocorre em posição pré-nominal é interpretado como quantificador universal. Assim, na frase (53c) *tudu* é um quantificador; Na frase (53d) *tudu* ocorre em posição pós-nominal e é interpretado como operador holístico, aproximando-se, nesse caso, do advérbio *completamente* do português.

Há falantes do kriol que admitem que a posição baixa do quantificador em relação ao objeto da frase pode ser ambígua entre a leitura quantificacional (distributiva) e a leitura holística. No entanto, quando o objeto quantificado é um substantivo não-contável, torna-se mais clara a interpretação da expressão *tudu* como advérbio, como mostra o exemplo (60).

- (60) *Mininu kume bianda tudu.*
 criança comer comida todo
 ‘A criança comeu a comida toda.’ (=completamente)

Nessa frase só podemos ter a leitura holística. Constitui um argumento adicional o fato de na posição em que *tudu* ocorre também poderem ocorrer outros elementos com o valor adverbial, ou seja podemos substituir *tudu* por um advérbio (ou ideofone), mantendo o mesmo significado (cf. 61).

- (61) *Mininu kume bianda bik/fep.*
 criança comer comida ADV
 ‘A criança comeu a comida completamente.’

A leitura holística também é associada a outras posições claramente periféricas, como ilustrado nos exemplos seguintes com o verbo inacusativo *kai*. Veja-se o contraste entre (62a) e (62b).

- (62) a. *Fodja(s) kai tudu na tchon.*
 folha cair todo na chão
 ‘As folhas caíram todas no chão.’
 b. *Fodja(s) kai na tchon tudu.*
 ‘As folhas caíram no chão por completo.’

O exemplo (62a) apresenta uma leitura quantificacional, ao passo que (62b), com o quantificador à direita do PP apresenta uma leitura holística.

Em síntese, os dados do kriol mostram que é fundamental distinguir entre posições em que *tudu* dá origem a uma interpretação sintática e posições em que apresenta uma leitura quantificacional.

4.3.2. Propostas de análise

A flutuação do quantificador tem sido muito debatida na literatura e as propostas dividem-se sobretudo entre a análise adverbial e a análise de movimento (Cf. Cirillo 2009) que passaremos a descrever sumariamente nesta secção.

Nos anos 70, discutiu-se se o quantificador se movia para a esquerda ou para a direita. Nas propostas de Kayne (1975) e Postal (1974), o fenómeno da flutuação de quantificador era associado ao movimento do quantificador para a direita dos DPs. Para Kayne (1975), os quantificadores têm propriedades de advérbios: podem ser gerados na base, como advérbios e podem, portanto, adjungir-se a uma projeção máxima. Na análise adverbial, os quantificadores flutuantes são gerados na base como adjuntos (a VP) e estão ligados a um antecedente. Alguns dos problemas referidos na literatura em relação a esta análise (e.g. Cirillo 2009) são a relação que parece existir entre estruturas como as seguintes.

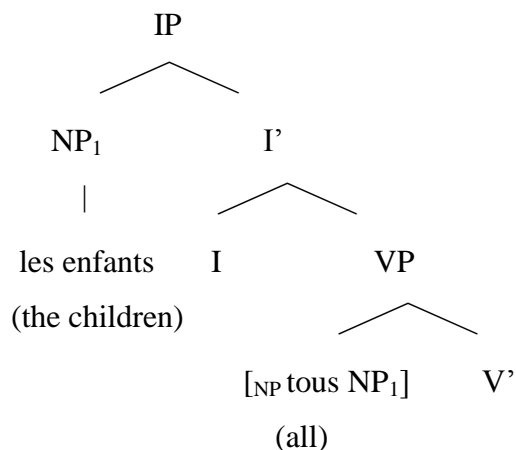
- (63) a. As pessoas comeram todas bolos.
- b. As pessoas todas comeram bolos.
- c. Todas as pessoas comeram bolos.

Além disso, numa língua como o português, esta relação é reforçada pelo facto de haver concordância de número e género entre o NP/DP e o quantificador. Em outras línguas, como o alemão, esta relação é expressa através de concordância de Caso. O facto de haver sempre uma relação de c-comando entre o antecedente e o quantificador também não abona a favor da análise adverbial, tal como o facto de não ser claro de que tipo de advérbio seriam os quantificadores flutuantes.

A análise de movimento de Sportiche (1988) tentou debelar alguns destes problemas ao propor que as diferentes posições em que se encontra o quantificador

resultam de um movimento do NP que deixa o quantificador abandonado (*stranded*). A estrutura correspondente a esta proposta encontra-se em (64).

(64)



Sportiche defende que o quantificador deve ser c-comandado pelo DP movido e a relação entre o DP movido e o quantificador tem de ser local. A relação sintática entre o DP movido e o quantificador é estabelecida através da relação anafórica entre o DP e o seu vestígio. Portanto, mesmo estando separados, DP e quantificador dependem sintática e semanticamente um do outro.

Esta proposta foi posteriormente afinada por outros estudiosos no que se refere à estrutura interna do NP na estrutura acima. O que é gerado na base é um QP que seleciona um DP. Este DP é movido para uma posição mais alta (e.g. Spec, TP), abandonando o núcleo de QP na posição de origem.

Apesar das aparentes vantagens da análise de Sportiche sobre a análise adverbial, ela não é desprovida de problemas, os quais foram notados por autores como Baltin (1995) e Bobaljik (2003) e conduziu ao regresso da análise adverbial. Bobaljik (2003), por exemplo, propõe que os quantificadores se comportam como advérbios sendo gerados na base como advérbios em posições de adjunção ao VP e associados a um DP por meio de uma regra interpretativa.

O próprio Sportiche já tinha identificado e tentado solucionar o problema dos vestígios no caso das construções passivas e inacusativas do inglês, que produzem estruturas agramaticais.

(65) a. *The children were seen all.

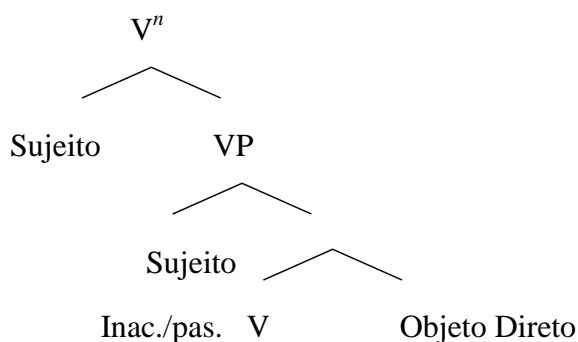
‘As crianças foram vistas todas.’

- b. *The children have arrived all.
 ‘As crianças têm chegado todas.’

Como se pode ver, nas estruturas passivas e inacusativas do inglês, não é possível a ocorrência de quantificadores flutuantes em posições pós-verbal onde os sujeitos, na realidade, são gerados. Segundo o próprio autor “[A] bare Q in postverbal position in passive or ergative constructions is totally excluded. The logic of our approach leads us to deny the existence of a postverbal NP-trace” (Sportiche, 1988: 444).

A solução para esse problema, segundo este autor, pode ser dada com base no pressuposto de que os XPs têm uma posição de especificador disponível para um DP. De acordo com esse pressuposto, o VP teria, então, uma posição de especificador com a possibilidade de conter um DP. O autor argumenta, assim, que, nas passivas, o papel temático que seria atribuído a um objeto, passa, de acordo com essa proposta, a ser atribuído ao DP na posição de [Spec, VP]. Quanto às inacusativas, Sportiche argumenta dizendo que, o papel temático do objeto de um verbo inacusativo é atribuído diretamente à posição de [Spec, VP]. Ainda, segundo essa proposta, pelo menos no inglês, os sujeitos derivados das passivas e inacusativas seriam gerados no Spec de VP, como se pode ver na representação em baixo²:

(66)



Assim, não havendo vestígio pós-verbal, os quantificadores flutuantes não podem aparecer em posição pós-verbal. Portanto, assim fica aparentemente resolvida a

² Sportiche não apresenta a representação em árvore para a sua proposta. A estrutura ilustrada em (65) encontra-se em Bobaljik (1995).

questão das construções passivas e inacusativas, que constituía um problema para a aceitação da proposta de Sportiche.

4.3.3. Análise dos quantificadores no kriol

Na perspetiva da análise de movimento descrita na secção anterior, a posição dos quantificadores, segundo Pollock (1989), revela se uma língua tem ou não movimento de verbo para o núcleo flexional I. Vimos na secção 3.3.1. que o teste da flutuação dos quantificadores foi utilizado por Baptista (2002) como argumento para a existência de movimento. Contudo, Pratas (2007) e Alexandre (2009) mostram que o quantificador *tudu* em kabuverdianu é um fenómeno limitado a verbo intransitivos e que pelo menos no caso dos verbos inacusativos a explicação pode passar por uma análise em que o DP sujeito é gerado em posição pós-verbal, sendo apenas o DP que é selecionado pelo QP e não o verbo. Logo, os dados do kabuverdianu não oferecem evidência para movimento do verbo.

Vimos na secção 4.2.2 que o kriol não apresenta as mesmas restrição que o kabuverdianu. Constata-se que os exemplos apresentados por Pratas (2002) como sendo agramaticais em kabuverdianu são, de resto, plenamente gramaticais em Kriol, como atestam as seguintes frases com o verbo transitivo *obi* ‘ouvir’:

Kabuverdianu:

(67) a. *Tudu si fidju obi mesmu storia.* (Pratas 2002: 62)

todos seus filhos ouviram mesma história

b. **Si fidjus obi tudu mesmu storia.*

Os seus filhos ouviram todos a mesma história

c. **Si fidjus tudu obi mesmu storia.*

‘Os seus filhos todos ouviram a mesma história.’

Kriol:

(68) a. *Tudu si fidjus obi mesmu storia.*

b. *Si fidjus tudu obi mesmu storia.*

c. *Si fidjus obi tudu mesmu storia.*

‘Todos os seus filhos ouviram a mesma história.’

Não obstante a grande proximidade destas duas línguas, estes exemplos mostram que quer a posição pós-nominal quer a posição pós-verbal são legitimadas em kriol, ao passo que o kabuverdianu só legitima a posição pré-nominal. Juntamente com o teste dos advérbios, a quantificação flutuante mostra que no kriol sequências verbo-objeto podem ser interrompidas e que os dados requerem uma análise diferenciada do kabuverdianu.

4.4. O morfema *ba*

4.4.1. Descrição dos dados

Como vimos no capítulo 2, *ba* é um marcador de tempo que, diferentemente das partículas aspetuais *na* e *ta*, ocorre à direita do verbo. Segundo Kihm (1994), *ba* não pode ser analisado como um afixo verbal, uma vez que não pode interromper sequências de verbo-pronome, como exemplificado em (69).

- (69) a. *N konta-u ba kuma nya pirkitu karu de.*
1SG tell-2SG PST that POSS.1SG parrot expensive DE
‘I had told you though that my parrot is expensive.’ (Kihm, 1994: 99 e 104)

- b. **N konta ba u.*
1SG tell PST 2SG
‘I used to tell you.’

O morfema *ba* remete para um tempo anterior ao tempo do discurso, podendo indicar uma condição (cf. 70a) ou uma hipótese (cf. 70b).

- (70) a. *So si bu na sta ba na kasa ku n'na sai (ba).*
só se 2SG PROG estar ANT na casa que 1SG-PROG sair (ANT)
‘Só se estivesse em casa é que (eu) ia sair.’

- b. *Si n'tene ba dinheru, n'na pati-u*
 se 1SG-ter ANT dinheiro 1SG-PROG oferecer-2SG
 'Se eu tivesse dinheiro, oferecia-te.'

Para indicar o tempo mais anterior, o morfema *ba* é associado ao advérbio *dja* 'já' e esta forma *ba dja* ocorre em posição pós-verbal (cf. 71a). Outra particularidade desta sequência *ba dja* é que não pode ser interrompido por nenhum elemento, ou seja, nada pode ocorrer entre essas duas palavras como podemos ver nas frases (71b) e (71c).

- (71) a. *No kume ba dja pon aonti.*
 1PL comer ANT já pão ontem
 'Já tínhamos comido pão ontem.'

b. **No kume ba pon dja.*

c. **No kume ba aonti dja.*

Os exemplos em (72) mostram a posição do morfema *ba* em contexto de construção de duplo objeto.

- (72) a. *Omi da ba mininu pon.*
 homem dar ANT criança pão
 'O homem tinha dado pão à criança.'

b. *Omi da-l ba pon.*
 homem dar+lhe ANT pão
 'O homem tinha-lhe dado pão.'

c. *Omi da-l ba el.*
 homem dar+lhe ANT 3SG
 'O homen tinha-lho dado.'

d. **Omi da ba-l el.*

De acordo com os exemplos acima, podemos ver que o morfema TMA pós-verbal *ba* não é sufixado ao verbo como no kabuverdianu. Como já vimos, quando depois do verbo ocorre um pronome fraco a adjacência entre o verbo e o *ba* é obrigatória, ou seja, esse pronome tem que ocorrer adjacente ao verbo (cf. (69a) e (72b e c)). Quando o pronome pós-verbal é forte o morfema *ba* pode ocorrer adjacente ao verbo como mostra o exemplo (73).

(73) a. *Da ba bos/elis pon.*
 dar ANT vos/lhes pão
 ‘Deu-vos/lhes pão.’

b. *Da ba bos/elis el*
 dar ANT vos/lhes 3SG
 ‘Deu-lhos.’

Quando o morfema *ba* não ocorre imediatamente à direita do verbo, tem uma interpretação diferente, adverbial, próxima de ‘antigamente’. Observemos os exemplos:

(74) a. *I ta bisti diritu ba.*
 3SG HAB vestir bem ADV
 ‘Vestia-se bem, antigamente.’

b. *N tene dinheru ba.*
 1SG ter dinheiro ADV
 ‘Eu tinha muito dinheiro, antigamente.’ (era rico)

Assim, concluímos que em kriol existem, na realidade, dois tipos de *ba*:

- (i) morfema de TMA
- (ii) um morfema com características adverbiais.

Propomos que *ba*, quando ocorre em adjacência ao verbo, é um clítico. Por um lado, nos textos escritos em kriol, este *ba* é tipicamente tratado pelos falantes nativos como um elemento funcional sufixado ao verbo (e.g. *teneba* ‘tinha’, *daba* ‘tinha dado’, etc.), mesmo quando a sequência é interrompida por alguns clíticos (e.g. *dalba* ‘tinha-lhe

dado’) com que *ba* forma um grupo clítico. Por outro, quando há material a separar o verbo do *ba*, obtém-se a leitura adverbial referida em cima.

4.4.2. Discussão

Kihm (1994) conclui também que o comportamento do *ba* em kriol é o oposto do que observamos no kabuverdianu, onde a adjacência entre o verbo e *ba*, mesmo quando os pronomes estão presentes, é obrigatória, como demonstra o exemplo (75).

(75) a. *N kontaba bu.* (Kabuverdianu, Alexandre 2009: 26)

1SG tell(PST) 2SG

‘I used to tell you.’

b. **N konta-u ba.*

Em kriol, a frase (75a) seria agramatical e (75b) gramatical. No que diz respeito ao sufixo *-ba* do kabuverdianu, há várias análises. Pratas (2002) defende que a sua posição pós-verbal pode ser explicada por uma operação de abaixamento e não como sendo uma evidência para o movimento do verbo, como foi mostrado na secção 3.3.2. Contudo, para que esta operação seja possível, Pratas vê-se obrigada a propor um T° complexo que amalgaма várias informações gramaticais, nomeadamente a negação frásica e os morfemas de tempo e aspeto. Esta hipótese não é defensável para o kriol, uma vez que *ba* não é um afixo, como foi demonstrado nos exemplos de pronominalização do objeto direto acima. Para Baptista (2002), a posição pós verbal do *-ba* é analisada como uma consequência da existência de movimento V para T no kabuverdianu.

4.5. Análise

Nas secções anteriores vimos que sequências de verbo-objeto podem ser interrompidas pelos seguintes elementos:

- i. advérbios
- ii. o quantificador *tudu*
- iii. o morfema *ba*, enquanto marcador de tempo

Concluiu-se também que estas propriedades do kriol contrastam, grosso modo, com aquelas encontradas na língua-irmã, o kabuverdianu. Numa primeira abordagem destes factos, parecem estar reunidas as condições para se adotar uma análise do movimento do verbo para o kriol. Contudo, tendo em conta a estrutura da frase proposta no capítulo 2, em que TP domina AspP, cujo núcleo está reservado para os marcadores pré-verbais de aspeto *na* e *ta*, facilmente se percebe que o verbo não pode subir até T como na análise clássica, pois resultaria numa ordem linear agramatical.

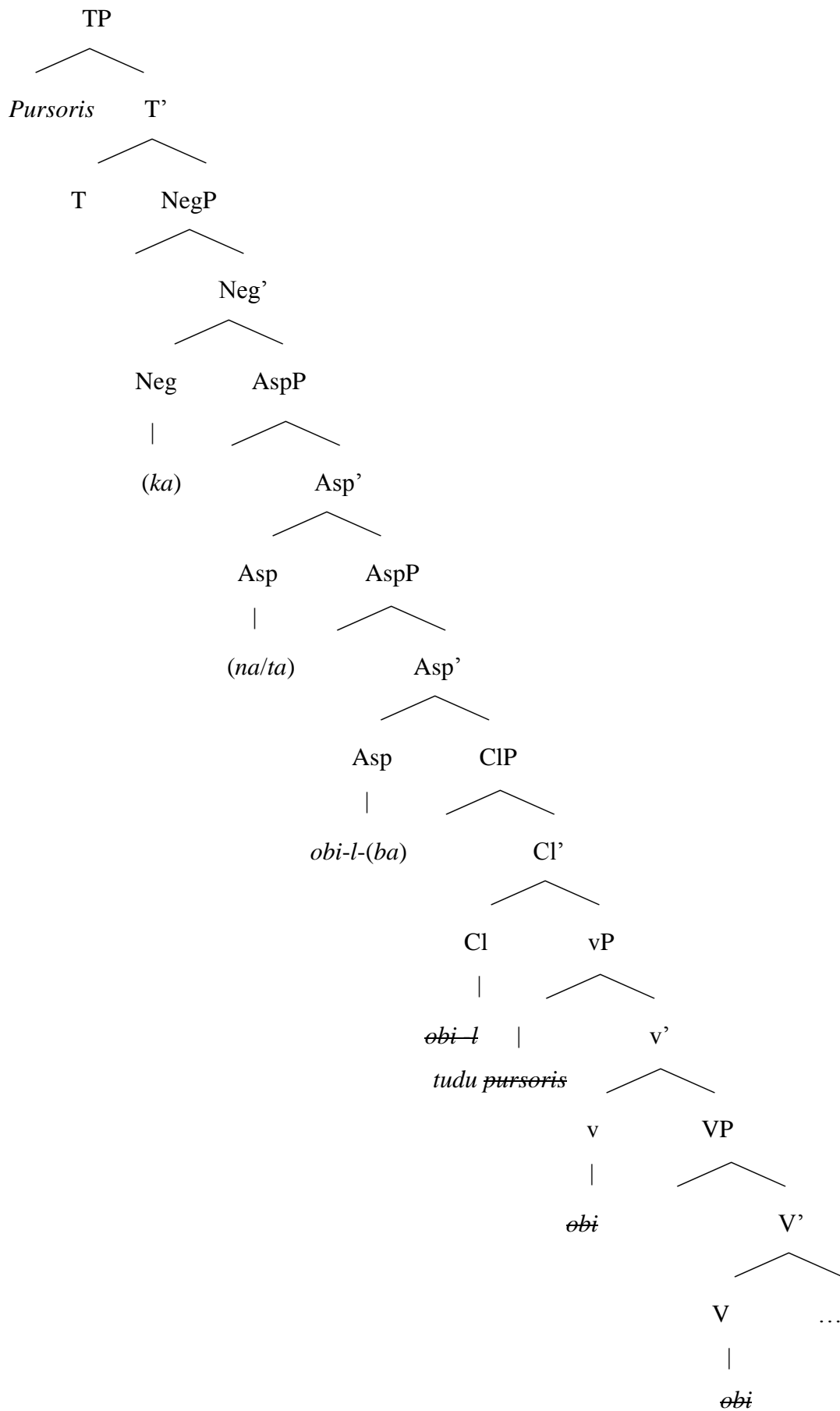
Assumindo que tanto os pronomes fracos (por exemplo *-l* e *-u*) e *ba* são clíticos, propomos uma derivação que recorre a um movimento curto do verbo. Considere-se os seguintes exemplos com verbos transitivos. O objeto direto *mesmu storia*, em (76), é pronominalizado em (77), cliticizando ao verbo.

- (76) *Pursoris obi-ba dja tudu mesmu storia.*
 professores ouvir-ANT já todos mesma história
 ‘Os professores tinham todos ouvido a mesma história.’

- (77) *Pursoris obi-l-ba dja tudu.*
 Professores ouvir-3SG-ANT já todos
 ‘Os professores tinham-na todos ouvido.’

Com base nos dados analisados propomos a seguinte representação para a estrutura do kriol com o movimento curto do verbo:

(78)



Nesta estrutura, pode observar-se a inclusão de duas projeções funcionais, AspP e ClP, cujos núcleos são, respetivamente, o morfema *-ba* e os clíticos pronominais, como *-l* no exemplo. Propõe-se que o verbo em kriol move para o AspP mais baixo para verificar traços de (im)perfetividade e que o núcleo desta projeção pode ser preenchido por material lexical (*-ba*) ou não. Por outras palavras, o movimento do verbo em kriol é curto do ponto de vista sintático, por ser para uma posição intermédia e não para T. Assumimos também que existe uma relação de concordância à distância entre este núcleo e T, tal como foi proposto por Alexandre (2009) para o kabuverdianu.

A projeção ClP na estrutura prevê que o kriol tem clíticos sintáticos a que o verbo se adjunge. O núcleo complexo composto pela sequência verbo+clítico adjunge-se, através do movimento de núcleo-a-núcleo, ao núcleo Asp, gerando o núcleo complexo verbo+clítico+*ba* no exemplo. Já os pronomes fortes, como *bos* ‘vocês’, não apresentam estas mesmas características de clíticos sintáticos, tendo a distribuição de DPs plenos.

- (79) *Pursoris na obi-ba inda bos.*
 professores PROG ouvir-ANT ainda 2PL
 ‘Os professores ainda estavam a ouvir-vos.’

No entanto, gostaríamos de salientar que a ocorrência de advérbios entre o verbo e pronomes fortes é mais restrita do que com DPs plenos, o que poderá eventualmente estar relacionado com efeitos de gramaticalização destes mesmos pronomes.

Por fim, sugerimos que, nesta análise, certos advérbios que ocorrem em posições intermédias, entre o verbo e o objeto ou o quantificador flutuante, como *dja*, no exemplo (77) acima, sejam tratados como adjuntos à esquerda a vP.

5. Conclusão

O kriol da Guiné-Bissau apresenta alguns traços tipológicos que são geralmente considerados típicos de línguas crioulas, como por exemplo a presença de marcadores pré-verbais de TMA, construções de duplo objeto e a ausência de morfologia flexional. Existe também um consenso alargado sobre a proximidade entre o kriol e o kabuverdianu, quer a nível do léxico, quer a nível da gramática, refletindo uma origem histórica comum. Partindo deste pressuposto, esta tese teve como objetivo principal analisar um aspeto da gramática do kriol que já tinha sido estudado para o kabuverdianu, designadamente a questão da existência ou não de movimento do verbo. Num plano mais teórico, por contraste com as propriedades acima apresentadas, esta é uma propriedade atípica dos crioulos. Para alguns autores, é uma consequência direta do fato de não deterem morfologia flexional; o verbo dificilmente poderá subir para T na sintaxe, devido à ocorrência de núcleos funcionais lexicalizados entre TP e VP que bloqueiam a subida do mesmo.

Ainda assim, Baptista (2002) propõe, para o kabuverdianu, uma análise de movimento do verbo para T, baseada em alguma evidência empírica relacionada com a distribuição de advérbios e a flutuação do quantificador, que podem, nos seus dados, aparecer à direita do verbo. Posteriormente, Pratas (2007) e Alexandre (2009) questionaram esta análise, tanto no plano dos dados empíricos como no plano da análise desses mesmos dados, propondo novas soluções que não passam por uma análise com movimento do verbo.

Para testar a existência do movimento do verbo no kriol, aplicámos os mesmos testes diagnósticos usados para o kabuverdianu: o padrão de colocação dos advérbios, a distribuição dos quantificadores e a distribuição do morfema *ba*. Os resultados obtidos mostram que essas duas línguas apresentam diferenças importantes em relação a estes testes. No kriol, os advérbios e o quantificador *tudu* podem interromper sequências de verbo-objeto, tal como em línguas como o francês ou o português, onde este tipo de evidência motiva análises com movimento do verbo.

Um outro aspeto em que o kriol diverge do kabuverdianu é o estatuto do *ba* e a sua relação com pronomes clíticos. Defendemos que, no kriol, o *-ba* adjacente ao verbo é um clítico que contém informação de tempo e que é semanticamente distinto do *ba* com características adverbiais que pode ocorrer em posições mais à direita, com um significado próximo de ‘antigamente’. Diferentemente do kabuverdianu, onde *-ba* é

verdadeiramente um sufixo, em kriol o *-ba* temporal pode ser separado do verbo na presença de certos pronomes clíticos, que considerámos clíticos sintáticos. Argumentámos que esta é mais uma evidência que justifica a adoção de uma análise com movimento do verbo. Através de movimento de núcleo-a-núcleo, o verbo adjunge-se primeiro ao clítico pronominal e o núcleo complexo que se forma sobe para um núcleo aspetual, que pode ser preenchido por *-ba*, derivando a sequência verbo-clítico pronominal-*ba*.

A proposta de análise para o kriol esboçada nesta tese implica que, contrariamente às predições tipológicas, nada impede que haja numa língua crioula um determinado tipo de movimento de verbo se a evidência empírica assim o justificar. As diferenças que encontramos entre o kabuverdianu e o kriol mostram que mesmo duas línguas muito próximas podem optar por soluções significativamente distintas em domínios específicos das suas gramáticas.

Bibliografia

- Alexandre, Nélia (2009). *Wh-constructions in cape verdean creole: extensions of the copy theory of movement*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Baltin, Mark (1995). Floating quantifiers, PRO and predication. *Linguistic Inquiry* 26, 199-248.
- Baptista, Marlyse (2002). *The syntax of Cape Verdean creole: the sotavento varieties*. Amsterdam: John Benjamins.
- Baptista, Marlyse; Mello, Heliana & Suzuki, Miki (2007). “Kabuverdianu, or Cape Verdean and kriyol, or Guinea-Bissau (creole portuguese)”. In John Holm & Peter Patrick (eds.), *Comparative creole syntax: parallel outlines of 18 creole grammars*, 53-82. Plymouth: Battlebridge Publications.
- Barros, Marcelino (1897/1899). O guinéense. Tradições e ethnologia. Apontados grammaticães. *Revista lusitana* 5: 174-181; 271-302.
- ____ (1900/1901). O guinéense. Temas de syntaxe. *Revista lusitana*. 6: 300-317.
- Bobaljik, Jonathan David (1995). *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. Ph.D. Dissertation, MIT.
- Bobaljik, Jonathan (2003). Floating quantifiers: Handle with care. In Lisa Cheng & Rint Sybesma (eds.). *The second glot international state-of-the-article book*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Bocandé, Bertrand (1849). *De la langue creole de la Guiné portugaise*. Bulletin de la société de géographie de Paris.
- Brüser, Martina & Santos, André (2002). *Dicionário do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Tübingen: Gunter Narr.
- Carreira, António (1982). *O crioulo de Cabo Verde – surto e expansão*. Lisboa: Gráfica EUROPAM.
- Chomsky, Noam (1989). Some notes on economy of derivation and representation. MIT Working Papers in Linguistics 10, 43-74.
- Cirillo, Robert (2009). *The syntax of floating quantifiers: Stranding revisited*. Utrecht: LOT.
- Costa, João & Pratas, Fernanda (2004). Capeverdean creole: some parametric values. In M. Fernández, M. Fernández-Ferreiro & N. Vázquez (eds.), *Los criollos de base ibérica – ACBLPE 2003*, 127-138. Madrid: Iberoamericana.

- Couto, Hildo (1994). *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- Degraff, Michel (1994). To move or not to move? Placement of verbs and object pronouns in Haitian Creole and in French. In K. Beals *et al.* (eds) *Papers from the 30th Meeting of the Chicago Linguistic society*. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- Degraff, Michel & Yves Dejean. (1994). On Haitian creole's very strict adjacency principle. Comunicação apresentada no encontro da Society for Pidgin and Creole Linguistics, Boston.
- Doneux, Jean Léonce & Rougé Jean-Louis (1988). *En apprenant le créole à Bissau ou Ziguinchor*. Paris: L'Harmattan.
- Emonds, Joseph (1978). The verb complex V-V in French. *Linguistic Inquiry*, 152-175.
- Hagemeijer, Tjerk (2007). *Clause structure in Santome*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Hagemeijer, Tjerk & Nélia Alexandre (2012). Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. *Papia* 22(2), 207-226.
- Intumbo, Incanha (2007). *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- Jacobs, Bart. (2009). The upper Guinea origins of papiamentu. Linguistic and historical evidence. *Diachronica* 26:3, 319-379.
- Kayne, Richard (1975). *French syntax: the transformational cycle*. Cambridge (MA): The MIT Press.
- Kihm, Alain (1994). *Kriyol syntax: The portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Martinus, E. (1996). *The kiss of a slave: Papiamentu's West-African Connections*, Ph.D. Dissertation, University of Amsterdam.
- Maurer, Philippe (1988). *Les modifications temporelles et modales du verb dans le papiamento de Curaçao (Antilles Néerlandaises): avec une anthologie et un vocabulaire papiamento-français*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- Peck, Stephen (1988). *Tense, aspect and mood in Guinea Casamance Portuguese Creole*. Ph.D. Dissertation, University of California at Los Angeles. Ann Arbor: University Microfilms.

- Peres, João & Branco António (1989). O todo e as suas partes como objectos de referência. *Actas do V encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- Pollock, Jean-Yves (1989). Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20, 365-424.
- Postal, Paul (1974). *On Raising*. Cambridge (MA): The MIT Press.
- Pratas, Fernanda (2002). *O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago): Questões de Gramática*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.
- _____(2007). *Tense features and argument structure in capeverdean predicates*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Quint, Nicolas. (2000). *Grammaire de la langue Cap-Verdienne*. Paris: L'Harmattan.
- Roberts, Ian (1999). Verb movement and markedness. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change: creolization, diachrony, and development*, 287-327. Cambridge (MA): MIT Press.
- Rougé, Jean-Louis (1986). Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa. *Soronda – Revista de estudos guineenses* 2, 28-49.
- _____(1999). “D’où viennent les verbs?”, in E. d’Andrade; D. Pereira & A. Mota (eds.), *Crioulos de base portuguesa*, 81-96. Lisboa: Colibri.
- Scantamburlo, Luigi (1999). *Dicionário do guineense; Vol. I; Introdução e notas gramaticais*. Lisboa: Edições Colibri/FASPEBI.
- Sportiche, Dominique (1988). A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry* 19, 425-449.
- Wilson, André (1962). *The crioulo of Guiné*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.